



APRESENTAÇÃO

A INFÂNCIA E AS LITERATURAS INFANTIL E INFANTO-JUVENIL EM PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA: DIÁLOGOS

*CHILDHOOD AND CHILDREN'S AND YOUTH LITERATURES IN
PORTUGUESE-SPEAKING AFRICAN COUNTRIES: DIALOGUES*

*LA INFANCIA Y LAS LITERATURA INFANTIL E INFANTO-JUVENIL EN
PAÍSES AFRICANOS DE LENGUA OFICIAL PORTUGUESA: DIÁLOGOS*

Organizadores:

Carmen Tindó Secco¹ - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ , FAPERJ, CNPq

Lucílio Manjate - Universidade Eduardo Mondlane - UEM (Moçambique)

Renata Flávia da Silva- Universidade Federal Fluminense - UFF

Roberta Guimarães Franco F. de Assis-Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves - Colégio Pedro II

Dedicatória

Ao poeta **Calane da Silva** e à professora **Rosilda Alves Bezerra**, dois grandes mestres de saberes, estórias e poesia. *In memoriam*.

A palavra não morre, apenas o corpo que a canaliza. Só este desaparece no pó do mundo. A palavra vitoriosa sobrevive ao corpo. Resplandecente de energia continua no âmago do Ser imortal.

(SILVA, Raul Calane da. *Gotas de sol: a manifestação da palavra*. Maputo: Alcance, 2015, p. 74)

1 A participação no presente número, como coorganizadora e coautora, contou com o apoio do programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas- PPGLEV, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ – Programa Cientista do Nosso Estado, processo nº E-26/202.555/2019) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Pesquisador 1, nível B1, processo nº 302243/2019-4) .



Com a palavra a infância!

Era uma vez uma menina que pediu ao pai que fosse apanhar a lua para ela. O pai meteu-se num barco e remou para longe. Quando chegou à dobra do horizonte pôs-se em bicos de sonhos para alcançar as alturas. (...)

Quando ele puxou para arrancar aquele fruto do céu se escutou um rebentamundo. (...)

Chegado a este ponto, o pai perdeu voz e se calou. A história tinha perdido fio e meada dentro da sua cabeça. (...)

A menina voltou para atrás, pegou na mão do pai e o conduziu de rumo a casa. (...)

— *Viu, pai? Eu acabei a sua história!*

E os dois, iluminados, se extinguíram no quarto de onde nunca haviam saído.

Mia Couto

Os trechos destacados acima foram extraídos de *A menina sem palavra*, do escritor moçambicano Mia Couto. Sem palavra, durante muito tempo, foi também a condição imposta à infância, quer no continente africano quer em diferentes espaços do globo. A infância, tal qual a concebemos hoje, nem sempre foi a mesma; ela, enquanto conceito, também cresceu, amadureceu e expandiu sua rede de relações. Da infância europeia e burguesa, descrita por Ariés, aos nativos digitais do mundo globalizado contemporâneo, passando pela ambiguidade de uma igualdade diferencial da infância colonial, uma de suas relações mais consolidadas é com o tempo. Projeção de um vir a ser prometido, carrega consigo a força de um passado que a torna reconhecível e governável. Estreitando nosso horizonte para nos atermos às relações estabelecidas entre infância e estudos literários africanos, podemos observar, ao expandir as palavras da professora Tânia Macedo para outros espaços literários africanos além do angolano, que

[...] talvez poucas personagens possam exemplificar as transformações pelas quais passou o país e a literatura de Angola nos últimos cinquenta anos como as infantis, na medida em que várias denominações que elas recebem são o indício dessas modificações, assim como a sua configuração, que indica novas formas de narrar. [...] Nesse sentido, acompanhar-lhes as mudanças, seja de perfil, seja na sua nomeação, ao longo desse período que é, sem dúvida, de consolidação do sistema literário do país, faculta-nos flagrar, além das mudanças literárias, as profundas modificações ocorridas naquela sociedade. (MACÊDO, 2007, p. 358)

O infante nas sociedades tradicionais africanas, representado em uma gama de narrativas orais passadas de geração a geração, aprendia com os mais velhos e só depois de amadurecido e provado nos rituais, recebia o direito de falar. Com a efetiva ocupação dos territórios africanos pelos portugueses, esta infância se bifurca em fronteiras bem marcadas no mato ou no asfalto da cidade colonial, como os moços que ouviam atentamente o “mestre” Tamoda, de Xitu, ou Ricardo, de Luandino. A infância branca,

estágio de perpetuação das estruturas de dominação, é distanciada da infância negra, das crianças nuas nas senzalas, do precoce trabalho forçado, das crianças sem escola e sem perspectiva de aprendizado que lhes dê vez e voz. Vozes emudecidas pela senilidade de um mundo conservadoramente colonial, retratado em prosa e verso. As primeiras palavras, ainda tímidas, a serem ditas por essa infância calada, representada em textos destinados a adultos, são ouvidas em meio a palavras de ordem, de promessas de liberdade e compromissos ideológicos, são as vozes dos pequenos pioneiros, dos pequenos homens novos das futuras pátrias, como o jovem Ngunga, de Pepetela.

Pátrias estas que, uma vez libertas, reconhecem as transformações sociais sofridas ao longo de séculos de dominação e procuram desenvolver uma literatura destinada a esta infância promissora. Os infantes, até então retratados em textos que não os tinham como leitores-modelo, ganham, através de recolhas de narrativas orais, poemas, cantigas e pequenas histórias ilustradas, novos modelos e símbolos, novas, com algumas nem tão novas assim, palavras de ordem. Produções como a Coleção Acácia Rubra, da União dos Escritores Angolanos, destacam-se num cenário inaugural da literatura infanto-juvenil africana em língua portuguesa, cenário marcado pela permanência sombria das guerras civis e pela consonância de vozes que ecoam projetos políticos “pensados” pelos “pais” das nações recém-libertas.

Passadas quase cinco décadas do surgimento de tais obras destinadas ao público infantil, o horizonte se expande em múltiplas paisagens e variadas experiências textuais. As vozes de autores nascidos após as independências somam-se às vozes daqueles que, remando para longe, assim como o pai da história de Mia Couto, citado aqui em epígrafe, embarcados em uma tradição exógena, aproximaram as literaturas africanas em língua portuguesa das crianças, brancas e negras, do mundo inteiro.

Este número da revista *Mulemba* apresenta o dossiê “A Infância e as Literaturas Infantil e Infanto-Juvenil em países africanos de língua oficial portuguesa: diálogos”, composto de artigos, depoimentos e uma entrevista que propõem desdobrar, de modo crítico e por meio de teorias e perspectivas diversas, tanto narrativas quanto textos poéticos voltados ao universo infantil no escopo das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Cabe destacar, desde já, as potencialidades do tema que, um pouco à maneira da imaginação criadora e sem estigmas dos nossos primeiros anos, recebe a literatura dedicada à formação de leitores infanto-juvenis, bem como possibilita a investigação de textos que, em suas estratégias constitutivas e imagéticas, apreendem a criança como imagem e eixo estruturante de contos, romances e poemas.

Este itinerário se inicia com o ensaio de Lucílio Manjate, “Uma alegoria à pragmática da comunicação literária em *O coelho que fugiu da história*, de Rogério Manjate”, em que o crítico assinala a existência de um imbricado e metaficcional tecido a costurar, com delicadeza, as fábulas do coelho, cujos ensinamentos, em grande parte, se atêm ao incentivo pelo gosto

da leitura. Albino Macuácuá, no artigo a seguir, “A categoria espaço e os sentidos de infância nos contos *O gala-gala cantor*, de Luis Carlos Patraquim, e ‘Machalatana, o pastor criativo’, de Calane da Silva”, põe em relevo, por intermédio da leitura dos espaços suburbanos e rurais moçambicanos, a multiplicidade de experiências infantis, comumente associadas à ideia da brincadeira, mas não raramente vinculadas ao trabalho. Na sequência, o artigo de Marco Felício, “Sentidos da guerra na literatura infantil angolana – um diálogo entre José Luandino Vieira e Ondjaki”, apoia-se na crítica pós-colonial para considerar, nas quatro narrativas a que seu estudo se dedica, o papel político subjacente ao protagonismo das personagens infantis. Já Norma Lima, ao cotejar diferentes adaptações para um tradicional conto oral da literatura caboverdiana, o do Boi Blimundo, focaliza sua abordagem na diversidade étnica e na liberdade, enfatizando, em “Estórias de Boi Blimundo, de Cabo Verde: liberdade e diversidade”, que muitas das questões e temáticas suscitadas em textos infantis e juvenis podem ser recepcionadas em tempos, lugares e idades diferentes.

O quinto ensaio, “A Adivinha em Chiwutee: Estruturas, Usos e Sentidos”, de Elídio Nhamona e Chapar Madeira, parte da descrição de doze adivinhas da sociedade moçambicana Wutee para acentuar os sentidos de partilha comunitária de um gênero discursivo ameaçado pelos avanços tecnológicos.

A seguir, é a vez de “Algumas considerações sobre a poesia infantil de Pedro Pereira Lopes”, artigo de Pablo Berned e Demétrio Paz, autores que recomendam um olhar ensaístico para os recursos sonoros e gráficos da poesia, visando ao estímulo da imaginação das crianças.

Izabel Cristina Martins, em “*Tomé Bombom*: um livro para crianças e outros curiosos”, sugere a leitura da obra da santomense Olinda Beja a partir da dizibilidade da criança, agente do próprio contar. Edna Bueno, por sua vez, em “Uma leitura de *A árvore dos Gingongos*, de Maria Celestina Fernandes”, relaciona a narrativa à apresentação aos leitores das tradições dos quimbundos de Angola, de forma a evidenciar a relevância da preservação de mitos originais como um dos fatores de afirmação identitária angolana.

A poesia assume lugar de destaque no artigo de Sávio Freitas que analisa, em “*A lua de N’weti*: o imaginário infantil de Sónia Sultuane”, crenças tradicionais e a experiência no feminino sob a perspectiva de uma menina moçambicana. Avani Silva, focalizando o contexto de guerra da Guiné-Bissau, discute as relações de retroalimentação existentes entre o jornalismo literário e a própria literatura no ensaio seguinte, intitulado “*Comandante Hussi*, o mais jovem rebelde da Guiné, reportagem de Jorge Araújo: diálogo entre literatura e jornalismo”.

O artigo “A rainha Ginga, da história à literatura”, de Bruno Horemans e Mário Lugarinho, realiza um estudo comparativo de obras do angolano José Eduardo Agualusa e da estadunidense Patricia McKissack em face do diálogo entre o texto literário e referenciais históricos. No prosseguimento, o ensaio “Linguagens Literárias d’Áfricas em Diáspora: Viagens e Travessias Infantes”, de Maria Anória Oliveira e Tânia Lima, segue o percurso crítico de uma

“viagem-reflexão”, problematizando preconceitos étnico-raciais e pontuando, também, como determinadas mudanças sócio-políticas e culturais propiciaram o protagonismo de personagens negras nas literaturas africanas e afro-brasileiras.

O último ensaio, “Uma incursão pela poesia para infância em Moçambique”, de Eliane Debus, demarca um visível crescimento da produção de textos comprometidos com a formação de novos leitores na última década.

Dentre os depoimentos, figuram o da santomense Olinda Beja, intitulado “A Literatura Infanto-Juvenil na Obra da Escritora Santomense Olinda Beja”, em movimento de revisitação à sua história e ao início de suas experiências na literatura para crianças, e o de Zetho Gonçalves, “*A Caçada Real: sua Gênese*”, em que o autor poeticamente relata suas incursões na adaptação dramática de uma fábula de La Fontaine e as dissensões originadas desse experimento. Encerrando o dossiê, soma-se a entrevista com a escritora angolana Amélia Dalomba, da qual brotam significativos questionamentos e ponderações acerca dos temas, ilustrações e motivos de suas obras para o público infantil e infanto-juvenil.

Além dos autores contemplados nos artigos do dossiê, nos depoimentos e na entrevista, há muitos outros escritores de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe com obras infantis e infanto-juvenis importantíssimas, assim como organizadores de recolhas de contos tradicionais desses países, cuja leitura recomendamos. Entre eles lembramos: a) de Angola: Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Uanhenga Xitu, Pepetela (*As Aventuras de Ngunga, A Montanha da Água Lilás*), Manuel Rui, Dario de Melo, Gabriela Antunes, Maria Eugénia Neto, Maria de Jesus Haller, Óscar Ribas, Maria Celestina Fernandes, Fernando Costa Andrade, Jorge Macedo, Cremilda Lima, Amélia Dalomba, Marta Santos, Ondjaki, José Eduardo Agualusa, Zetho Gonçalves, João Melo, John Bella, Kanguimbu Ananaz, Octaviano Correia, Mico-Douce, Baya dia Puku, Paula Russo, João Miranda, Vicente Netto, Henrique Novais Pessoa, Cássia do Carmo, entre outros; b) de Moçambique: Ungulani Ba Ka Khosa, Mia Couto, Rogério Manjate, Hélder Faife, Marcelo Panguana, Pedro Pereira Lopes, Adelino Timóteo, Carlos Santos, Alexandre Dunduro, Tatiana Pinto (autores publicados pela Editora Kapulana de São Paulo na coleção “O Conto Moçambicano”), Orlando Mendes, Luís Bernardo Honwana (o conto “Nós Matamos o Cão Tinho”), Calane da Silva, Luís Carlos Patraquim, João Paulo (*No tempo do Farelahi*, banda desenhada de João Paulo Borges Coelho que, nesta obra, assina apenas João Paulo), Lucílio Manjate, Nélon Saúte, Fátima Langa, Lourenço do Rosário, Sónia Sultuane, Celso Celestino Cossa, Mauro Brito, Sílvia Bragança, Alberto Viegas, Ricardo Cambula, Lucas Guimarães Mahota, Amélia Muge, João Arnaldo, entre outros; c) de Cabo Verde: Orlanda Amarílis, Manuel Ferreira, Dina Salústio, Fátima Bettencourt, Hermínia Curado Ferreira, Luísa Queiroz, Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada, Marilene Pereira (brasileira radicada em Cabo Verde), Graça Matos Sousa, António Luís Rodrigues, entre outros, d) da Guiné-Bissau: Teresa Montenegro, Rogério Andrade Barbosa (brasileiro que viveu em Bissau e fez recolhas de contos de algumas tradições locais), entre outros; e) de São Tomé e

Príncipe: Olinda Beja, entre outros.

Da leitura dos artigos, depoimentos e entrevista deste número de *Mulemba*, ressaltam, ao fim e ao cabo, não apenas informações acerca de atuais produções literárias – destinadas a crianças e jovens –, que circulam em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, mas também, principalmente, profundas reflexões sobre a importância das literaturas infantil e infanto-juvenil como incentivadoras da leitura, da imaginação criadora e do pensamento crítico.

Referências

ANDRADE, Júlia Parreira Zuza. **Mia Couto e Luandino Vieira: a ficção de fronteira nas obras para o público infanto-juvenil**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014. (dissertação de mestrado não publicada).

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1981.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

CERVERA, Juan. **Teoría de la literatura infantil**. 3. ed. Bilbao: Ediciones Mensajero, 1952.

COUTO, Mia. **A menina sem palavras: histórias de Mia Couto**. São Paulo: Boa Companhia, 2013.

DEBUS, Eliane. Entrevista com Pedro Pereira Lopes. **Mulemba**, v. 10, n. 18, p. 185 – 189, jan-jul 2018. DOI: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2018.v10n18a15406>

DEBUS, Eliane; SILVA, Ana C. Maria da; PIRES, Juliana Breuer. De lá para cá: a literatura para infância do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes. IN: SPIGOLON, Nima Imaculada (org). **Brasi(s) & África(s): educação plural, culturas de resistência e emancipações humanas**. Curitiba: CRV, 2020.

GOMES, Simone Caputo. “Literatura para crianças e jovens na África de língua portuguesa”. In: **Revista Cátedra Digital**. PUC-Rio, v. 4, 2017. Disponível em: <https://revista.catedra.puc-rio.br/index.php/literatura-para-criancas-e-jovens-na-africa-de-lingua-portuguesa/>. Acesso em: 06/01/2021

GREGORIN FILHO, José Nicolau. “Literatura Infantil/Juvenil e política: um jogo de espelhos”. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin; SILVA, Rejane Vecchia Rocha e (Org.) **Literatura e memória política: Angola, Brasil, Moçambique, Portugal**. São Paulo: Ateliê, 2015, p. 161-171.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Coasac Naify, 2015.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. “Escrever para crianças e fazer literatura”. In: **Literatura infantil brasileira: história & estórias**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 15-21.

MACÊDO, Tania. “Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola”. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (Orgs.). **A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007, pp. 357-373.

MANJATE, Lucílio. **Geração XXI: Notas sobre a nova geração de escritores moçambicanos**. Maputo: Alcance Editores, 2018.

OLIVEIRA, Américo Correia de. **A criança na literatura tradicional angolana**. Leiria: Edições Magno, 2000.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Um passeio panorâmico pela produção infanto-juvenil moçambicana: obras e autores. **A Cor das Letras**. Bahia, n. 12, p. 79-92, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v12i1.1489>.

SECCO, Carmen Lucia Tindó (Org.) **Entre fábulas e alegorias: ensaios sobre literatura infantil de Angola e Moçambique**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

SILVA, Avani Souza. **Narrativas orais, literatura infantil e juvenil e identidade cultural em Cabo Verde**. Universidade de São Paulo. Tese. 2015. Disponível em: www.teses.usp.br no seguinte link: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-05082015-145237/pt-br.php> Acesso em 07 set. 2019.

TAMÉS, Román López. **Introducción a la literatura infantil**. 2. ed. Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones, 1990.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982.